
EVA ALTERMAN BLAY

Núcleo de Estudos da Mulher
e Relações Sociais de Gênero/USP

ROSANA RAMOS

Núcleo de Estudos da Mulher
e Relações Sociais do Gênero/USP

Mulher, Ciência e Sociedade: Abordagem das relações de gênero nas disciplinas da Universidade de São Paulo

23

Um levantamento das disciplinas lecionadas em todas as unidades da Universidade de São Paulo — USP (na capital) — até 1989, permitiu identificar aquelas que abordam questões de gênero ou relativas à mulher, nas áreas das ciências humanas e biológicas. Além de constatar a predominância do interesse por tais questões nos cursos em nível de pós-graduação relativamente aos de

graduação, o artigo analisa os enfoques dados à questão nas diferentes unidades da USP, salientando que, à escassa incorporação dos estudos sobre a mulher na universidade, contrapõem-se algumas áreas que adotam uma perspectiva inovadora e crítica, demonstrando a insuficiência dos estudos "que ignoram a metade da população".

EM recente análise da presença feminina no Concurso Cientistas de Amanhã, destinado a jovens estudantes de nível primário e secundário, constata Ormastroni (1988) que apenas 18,6% eram mulheres. Qual a razão desta baixa participação, pergunta ela. Observou, porém, que das antigas premiadas 75% frequentavam cursos superiores, sendo as demais ainda muito jovens para fazê-lo.

A questão subjacente à análise de Ormastroni é: a criatividade está relacionada com a condição de gênero?

Analisando a produção de trabalhos publicados por docentes da Universidade de São Paulo⁽¹⁾, Wolyneć e Pasquarelli (1988) constatarem que nas áreas das Ciências Humanas, Exatas e Tecnológicas não há diferenças entre gêneros. Estas surgem nas Ciências Biológicas, onde as mulheres entraram para a docência apenas nos últimos dez anos. Constatam que o padrão igualitário de produção, na maior universidade brasileira, distingue-se do observado nos

**Mulher e
ciência**

(1) Em 30/04/88 havia 1 503 560 estudantes matriculados e 125 591 professores lecionando no 3.º grau no Brasil, incluindo as redes pública e privada (IBGE). Na USP havia 51 736 estudantes e 5409 docentes (USP).

Estados Unidos, onde a produção acadêmica masculina é maior do que a feminina.

Os dados de Wolynece e Pasquarelli permitem afirmar que não há diferenças na criatividade científica entre gêneros na USP.

Em outro estudo, Azevedo *et al.* (1989) chegam a conclusões diferentes. Analisando dados para o Brasil todo, incluindo publicações, bolsas e financiamento à pesquisa, constatam que as mulheres respondem por cerca de 30% da produção acadêmica; são 30,5% dos que têm bolsas de pesquisa e autores de 30% dos artigos publicados.

Contudo esta percentagem cresce para 37% quando se analisam as mestrandas e, mais ainda, no caso dos doutoramentos no exterior quando a mulher constitui 43%.

Comparando-se as duas citadas pesquisas concluímos que a produção acadêmica observada na Universidade de São Paulo é igualitária com relação aos gêneros enquanto que, a nível nacional, o padrão é diferenciado em detrimento da mulher. Por outro lado observamos que a acadêmica brasileira e a norte-americana têm níveis semelhantes de produção mas, na USP, este padrão é mais alto.

Analisando a composição do corpo discente, Rosemberg (1985) e Silva *et al.* (1987) mostraram um padrão de divisão sexual entre as carreiras universitárias. Os cursos de Letras, Pedagogia, Enfermagem, Odontologia, Psicologia são predominantemente femininos e, na pesquisa ora realizada, observamos que é recente a elevação do número de formandas em Medicina, Direito, alguns ramos da Engenharia, Filosofia, Geologia, cursos ainda masculinos.

O que estaria na origem das diferenciações ou da igualdade entre os gêneros no âmbito da universidade?

A resposta a esta questão deve ser buscada dentro e fora da universidade. Aqui procuraremos analisar como a universidade, através das disciplinas que ministra, focaliza a mulher.

Universidade e sociedade

A chamada "questão da mulher" é tema recente na sociedade brasileira, a qual viu reviver nos últimos 30 anos um forte movimento feminista, como aliás ocorreu no resto do mundo. O diagnóstico de que a mulher ocupava uma posição social subalterna e que havia desigualdades entre gêneros foi o resultado da avaliação feita por inúmeros movimentos sociais que se organizaram entre mulheres de diferentes condições sócio-econômicas. Acadêmicas, sindi-

calistas, donas de casa, mulheres ligadas à igreja, a partidos políticos, a grupos negros denunciaram a discriminação através dos meios de comunicação de massa, provocando debates na televisão, rádio, jornais, ou ocupando as ruas. Atuaram também em fóruns específicos através da criação, na estrutura do Estado, de Conselhos da Condição Feminina.

O tema das desigualdades de gênero introduziu-se, como consequência daqueles movimentos sociais, no conjunto dos temas de debate social. Resultou um processo quase didático quando, às denúncias das desigualdades, propunham-se soluções aos problemas detetados. A constatação da discriminação salarial, a desigualdade na legislação dos direitos civis, foram seguidas por questões relativas à saúde, aborto, sexualidade e violência. *Pari passu* foram encaminhadas propostas para serem negociadas pelos sindicatos ou incorporadas à nova Constituição. Uma política de saúde, educação sexual e mecanismos estatais para coibir a violência foram elaborados pelo movimento de mulheres.

A sociedade foi forçada a refletir sobre os problemas apontados e induzida a incorporar soluções. A universidade, neste contexto, como parte integrante da sociedade, não pode ter ignorado o conjunto de demandas sociais. Muitas vezes as investigações acadêmicas estão mais avançadas do que a sociedade, e a universidade tem um papel de proa. Outras, a universidade não responde ao que se passa na sociedade pois ela tem seu próprio ritmo e não se curva a modismos. A dialética entre a ciência e a sociedade deve ser analisada sem juízos de valor. Cabe apenas avaliar a interação que se estabelece e que direção ela toma. Neste caso qual foi a relação que se estabeleceu entre as grandes mudanças sociais observadas ao nível da sociedade quanto à condição feminina e a universidade?

A mulher começa tardiamente a frequentar a universidade no Brasil, no fim do século XIX, na área da medicina. D. Pedro II fez aprovar, em 19 de abril de 1879, uma lei permitindo à mulher frequentar curso superior, pois observara que a bolsa que concedera em 1876 a Maria Augusta Generosa Estrela para estudar medicina em Nova York, não lhe permitira exercer a profissão quando retornara, formada, ao Brasil. Rita Lobato Velho Lopes foi a primeira mulher a se formar em Medicina no Brasil, em 1887, pela Faculdade de

A mulher na universidade

Medicina da Bahia e a clinicar por mais de 40 anos no Rio Grande do Sul, onde também foi vereadora na Câmara Municipal de Rio Pardo (Simões de Paula, 1988).

A Universidade de São Paulo, criada em 1934, veio reunir escolas fundadas no século XIX e começo do XX. Analisando seus arquivos vimos que a primeira acadêmica da Faculdade de Direito diplomou-se em 1902 e a segunda só em 1911. As primeiras mulheres diplomaram-se em Medicina em 1918 e, na Escola Politécnica, a primeira engenheira é de 1928. Estas carreiras "tradicionais", exceptuando-se a engenharia, só começam a mudar o perfil nos anos 40 ou mais tarde ainda. Das três escolas, a que mais se aproxima hoje de uma composição igualitária de gênero é a Faculdade de Direito, mas nem nela há uma proporção de 50%. Na faculdade de Medicina, só nos anos 80, um pouco mais de 1/3 dos formandos são mulheres. Na Escola Politécnica a proporção atinge, no máximo, 15% em cursos como Engenharia Civil, Eletrônica, Produção e Química.

Alguns cursos implantados desde a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras na USP, têm igual número de homens e mulheres. É o caso de Filosofia, que mantém este perfil até hoje. Os cursos de História e Geografia começam com proporção igualitária e a partir dos anos 60 tornam-se mais femininos. Os cursos de Química e Física têm uma trajetória variada. Química, ora diploma mais homens, ora mais mulheres. Física, que começa de forma igualitária, vai se tornando mais masculina (Blay, 1990).

Em outro trabalho (Blay, 1978) se mostrou a correlação entre as condições de absorção e concorrência no mercado de trabalho e a procura de determinados cursos universitários por parte de homens e mulheres. A Química é mais procurada por homens em períodos de alta remuneração. Quando esta cai, eles tendem a abandoná-la e, ao reduzir-se a concorrência, eleva-se o número de mulheres.

A universidade é um fator na elaboração da imagem de gêneros. Silva *et al.* (1987) apontam a "cumplicidade entre ciência e opressão" quando se analisam as teorias do século XIX: médicos americanos e europeus afirmavam que dos 12 aos 20 anos não se deveria estimular o cérebro feminino sob pena de prejudicar a formação do aparelho genital e reprodutor da mulher. É pertinente avaliar a imagem e os valores subjacentes às atuais teorias científicas sobre a condição de gênero.

**A Mulher
como tema
nas discipli-
nas da USP**

27

O "Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero" (NEMGE) realizou em 1989, pesquisa com o objectivo de fazer um levantamento sistemático de todas as disciplinas registradas na USP (graduação e pós-graduação), que tivessem como enfoque o tema mulher (2).

Foram arroladas as Escolas, Faculdades e Institutos da USP e selecionados os programas relacionados à mulher em 9 das 21 Unidades existentes: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Faculdades de Economia e Administração, Faculdade de Direito, Escola de Comunicações e Artes, Faculdade de Medicina, Faculdade de Saúde Pública, Escola de Enfermagem, Instituto de Psicologia e Instituto de Biociências (3).

Após este primeiro levantamento, optou-se por uma verificação junto às secretarias de curso (graduação e pós-graduação) das unidades previamente selecionadas, com o intento de que nenhuma disciplina, que porventura estivesse fora dos catálogos, ficasse à margem da pesquisa. Completamos o levantamento entrevistando os docentes responsáveis.

As disciplinas, à medida em que iam sendo identificadas, eram classificadas em três categorias: a primeira refere-se às disciplinas específicas sobre a mulher, ou seja, aquelas que têm todo o seu programa dedicado a esta questão. A segunda categoria reúne as disciplinas que tratam parcialmente do tema mulher. Nesta, observou-se ser necessário uma subdivisão em *diretamente* e *comparativamente*. Isto porque, embora o tema mulher seja enfocado em apenas alguns tópicos do programa, ainda assim é possível fazer distinção entre aquelas que dedicam-se plenamente ao estudo de questões referentes à mulher e aquelas que limitam-se a, durante o curso, compará-la ao homem, à criança, à família, etc.

E, por último, aglutinam-se as disciplinas que abordam *circunstancialmente* o tema mulher. Nesta categoria o tema aparece esporadicamente, dependendo do interesse dos estudantes aos quais a disciplina é ministrada, sendo incluído

(2) No Brasil não se instalou, como em várias universidades européias, norte-americanas e canadenses, os "Women Studies", programas que se articulam a cursos mais amplos e que são especificamente voltados para a análise de condição de gênero.

(3) Nos campi do interior, foi solicitado às secretarias de curso, através da Pró-reitoria de pós-graduação, a relação das disciplinas que abordassem o tema. Ver também "Cursos de Pós-graduação" — catálogo Geral, Universidade de São Paulo, 1987 e "Catálogos dos Cursos de Graduação", Universidade de São Paulo, 3 volumes — área de Ciências Biológicas, área de Humanidades e área de Ciências Exatas e Tecnologia (anos 1988 e 1989).

em seminários ou trabalhos acadêmicos, dentro de um amplo leque de temas.

Tabela 1

Número de disciplinas ministradas sobre o tema mulher na USP até 1989, segundo a abordagem e o nível (graduação e pós-graduação)

ABORDAGEM		GRAD.	PÓS-GRAD.	TOTAL
Específica		05	28	33
Parcial	Direta	25	20	45
	Comparativa	10	11	21
Circunstancial		04	01	05
TOTAL		44	60	104

Analisando-se o quadro das disciplinas registradas sobre o tema mulher, na USP, observa-se que elas perfazem um total de 104 (Tabela 1). Destas, 58% são em nível de pós-graduação e 42% de graduação. Estes números permitem afirmar que, iniciando-se na graduação, o interesse sobre o tema expande-se na pós-graduação. Importante salientar que, enquanto na graduação 11% das disciplinas dedicam-se especificamente ao tema, na pós-graduação essa percentagem aumenta para 46%. Observa-se ainda que, no conjunto, apenas 1/3 das disciplinas são específicas ao tema mulher.

Se considerarmos as disciplinas a partir das áreas do conhecimento — Ciências Biológicas, Ciências Exatas e Humanidades —, vemos que 47% pertencem à área de Humanidades e 53% concentram-se nas Biológicas; na área de Exatas, nenhuma disciplina aborda o tema (Tabelas 2 e 3).

Comparando as duas áreas do conhecimento, conclui-se que o enfoque *específico* às questões da mulher, em nível de graduação, é reduzido. Nas Ciências Biológicas, apenas 7% das disciplinas dedicam especificamente seu programa à mulher e, nas Humanidades, esse percentual se reduz a 2%, correspondendo a uma única disciplina ministrada pelo Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

Tabela 2

**Disciplinas ministradas sobre o tema mulher na USP,
segundo a abordagem, área e nível**
(graduação e pós-graduação)

CIÊNCIAS BIOLÓGICAS			
ABORDAGEM	GRAD.	PÓS-GRAD.	TOTAL
Específica	04	16	20
Parcial	Direta	09	10
	Comparativa	08	07
Circunstancial	—	01	01
TOTAL	21	34	55

29

Tabela 3

**Disciplinas ministradas sobre o tema mulher na USP,
segundo a abordagem, área e nível**
(graduação e pós-graduação)

HUMANIDADES			
ABORDAGEM	GRAD.	PÓS-GRAD.	TOTAL
Específica	01	12	13
Parcial	Direta	16	10
	Comparativa	02	04
Circunstancial	04	—	04
TOTAL	23	26	49

Na pós-graduação o interesse específico à mulher aumenta: nas Ciências Biológicas corresponde a quase 30% e, nas Humanidades, a aproximadamente 25% das disciplinas consideradas.

CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Das onze unidades que compõem a área de Ciências Biológicas na USP (Capital), cinco apresentam disciplinas com enfoque à mulher. São elas: Faculdade de Medicina, Faculdade de Saúde Pública, Escola de Enfermagem, Instituto de Psicologia e Instituto de Biociências, ministrando

**Perfil das
unidades por
área do
conhecimento**

55 disciplinas (4). Destas, 21 são em nível de graduação e 34 de pós-graduação, equivalendo a 38% do total encontrado (Tabela 2).

Das 55 disciplinas, as específicas sobre a mulher representam 36%, sendo 20% em nível de graduação e 80% na pós-graduação, indigitando, na pós-graduação, um grande interesse ao tema. Entretanto, essa disparidade entre graduação e pós-graduação é atenuada se considerarmos as disciplinas que enfocam parcialmente a mulher, seja direta ou comparativamente.

Tabela 4

Número de disciplinas abordando o tema mulher na área de Ciências Biológicas, segundo a unidade e o nível (graduação e pós-graduação)

UNIDADES	GRAD.	PÓS-GRAD.	TOTAL
Faculdade de Medicina	04	12	16
Faculdade de Saúde Pública	01	06	07
Escola de Enfermagem	05	06	11
Instituto de Psicologia	10	06	16
Instituto de Biociências	01	04	05
TOTAL	21	34	55

FACULDADE DE MEDICINA

Avaliando-se as disciplinas da Faculdade de Medicina observa-se que a temática relativa à mulher se concentra nas áreas de ginecologia e obstetrícia. Duas orientações são observadas: uma, mais tradicional, que focaliza mecanicamente a mulher como aparelho reprodutor, e outra, inovadora, em que se consideram, ao lado das condições físicas, os efeitos de fatores sociais, econômicos, políticos e psicológicos sobre o corpo feminino.

Os programas curriculares não incorporaram a discussão de problemas que se situam na fronteira entre o corpo e os

(4) As seis unidades da área de Ciências Biológicas que não tratam da questão mulher são: Escola de Educação Física, Faculdade de Ciências Farmacêuticas, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Faculdade de Odontologia, Instituto de Ciências Biomédicas, Instituto Oceanográfico.

valores sociais, como por exemplo o aborto, embora as disciplinas estudem a reprodução humana.

Uma tendência inovadora e crítica começa a se manifestar. Entrevistas revelavam a preocupação, por exemplo, com a desnecessária prática de vulvectomias como forma de prevenção do câncer, sem se levar em conta a correlação entre estas formas de mutilação — muitas vezes evitáveis — e sua consequência sobre a sexualidade feminina. Foram também relatados e observados procedimentos de descaso com parturientes pobres, cujo sofrimento na hora do parto poderia ser abreviado. Razões éticas, preconceitos ou simples desconhecimento agravam situações a que as mulheres são submetidas.

31

FACULDADE DE SAÚDE PÚBLICA

Diverso ao que ocorre na Faculdade de Medicina, onde, em geral, a mulher é estudada de maneira fragmentada, na Faculdade de Saúde Pública há uma preocupação de que ela seja compreendida em seu contexto social, observando aspectos mais gerais à sua saúde. Por exemplo, há disciplinas que analisam as relações existentes entre as causas da mortalidade materna e a idade em que esse fato é mais frequente; outras enfocam a questão do planejamento familiar, inserido nas políticas natalistas ou antinatalistas que visam o controle da natalidade em detrimento da própria opção da mulher de ter ou não filhos, quantos e quando tê-los. A gravidez na adolescência é estudada do ponto de vista físico (gestação e parto) associada às repercussões psico-fisiológicas e aos riscos de saúde que correm o feto e a mulher numa gestação prematura. Estudam-se a nutrição da mulher como um processo desenvolvido desde a infância e não somente durante a gestação. Cuidados alimentares prévios diminuiriam, na gravidez, o risco de infecções, desnutrição e síndromes hemorrágicas, obesidade e diabetes no ciclo puerperal gravídico. Outro aspecto bastante valorizado é o aleitamento materno, questão considerada de fundamental importância na transferência de resistências imunológicas da mãe à criança. São ensinados exercícios de pós-cirurgia cardíaca, quando esta é realizada durante a gravidez, assim como os exercícios pós-parto para o retorno às atividades normais de trabalho.

As disciplinas da Faculdade de Saúde Pública tendem a focar a relação saúde e sociedade e, com frequência, introduzem a questão de gênero.

ESCOLA DE ENFERMAGEM

De modo geral observaram-se duas linhas de trabalho entre as disciplinas desta Escola. Uma, mais conservadora, onde questões polêmicas, colocadas pela sociedade, não são estudadas. A questão do aborto, por exemplo, é analisada através de possíveis agravos à saúde da mulher. Entretanto não se questionam as inadequadas condições sanitárias em que ele é realizado e tão pouco se identificam estes agravos como consequência das más condições de atendimento. Sob a égide fisiológica há uma argumentação ideológica anti-aborto.

Uma outra orientação é desenvolvida em disciplinas que adotam como metodologia o trabalho em comunidade. O paciente é encarado como um ser ativo que interage com os agentes de saúde (médicos, enfermeiros, etc.), reduzindo seu poder. A ruptura desta relação autoritária é importante, sobretudo, no caso da paciente-mulher, maior usuária destes serviços.

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

As disciplinas na área da Psicologia seguem orientação temática distinta dos demais cursos da área das Biológicas. Não há disciplinas voltadas especificamente para a mulher como tema; a maioria a considera no conjunto do curso, seja de forma direta, seja por comparação entre os gêneros em programas que abordam, em nível de graduação, os seguintes temas: velhice, identidade, sexualidade, maternidade, amor, comportamento. Na pós-graduação há abordagens sobre o movimento feminista, o *stress*, e o comportamento diferencial entre o homem e a mulher.

INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS

No Instituto de Biociências as disciplinas que abordam a mulher tendem a focalizar problemas genéticos. A preocupação está bastante especializada em torno das questões da reprodução, planejamento familiar e aconselhamento genético. O ângulo adotado é o da reprodução humana e genética de populações. Investigam casos de má formação congênita. A partir destas análises, os estudos universitários acabam fortalecendo correntes favoráveis ao aborto em casos de má formação do feto.

HUMANIDADES

Na área de Humanidades há 49 disciplinas com enfoque à mulher, ministradas em quatro unidades da USP (Capital) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Faculdade de Economia e Administração (FEA), Faculdade de Direito, Escola de Comunicações e Artes (ECA) —, unidades essas que correspondem a quase 70% das Humanidades.

Tabela 5

Número de disciplinas abordando o tema mulher na área de Humanidades, segundo a unidade e o nível

UNIDADES	GRAD.	PÓS-GRAD.	TOTAL
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas	13	19	32
Faculdade de Economia e Administração (FEA)	01	06	07
Faculdade de Direito	05	06	11
Escola de Comunicação e Artes (ECA)	10	06	16
TOTAL	23	26	49

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Das 49 disciplinas registradas na área de Humanidades, 41% são ministradas pelos departamentos de Letras Clássicas e Vernáculos e Letras Modernas, 34% pelo Departamento de História, e 25% pelo Departamento de Sociologia (Tabela 5).

Nos departamentos de Letras focalizam-se as autoras resgatando sua produção literária; é analisada a “nova literatura de mulheres” produzida nos anos 70 que relata situações vividas pelas próprias autoras e comparações entre elas e os movimentos sociais. Tanto na graduação como na pós-graduação, os temas preponderantes são: *a literatura escrita por mulheres e a imagem da mulher na literatura*.

O crescente interesse pelo tema no curso de Letras é bastante significativo, tanto que, no I Encontro Nacional da ANPOLL — Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisas em Letras e Linguística —, em 1985, foi fundado o “Grupo de Trabalho ‘A mulher na literatura’”, que desde então vem abordando, em suas pesquisas, escritoras de diversos países, sob diferentes enfoques críticos. Dentre os projectos em desenvolvimento, destaca-se a elaboração de um “Dicionário de Escritoras Brasileiras”⁽⁵⁾.

No Departamento de História, as disciplinas de graduação abordam temas como a sexualidade, a mulher no período medieval — analisando o papel das bruxas e feiticeiras — e o novo papel da mulher na História. Já na pós-graduação, abordam a mulher no casamento, como chefe de família, na condição de mãe solteira, etc..

Dentre os três departamentos do curso de Ciências Sociais — Sociologia, Antropologia e Ciência Política — salienta-se o primeiro, que abriga sete das oito disciplinas registradas; o de Ciência Política tem somente uma que não é ministrada. Estas disciplinas trabalham com teorias clássicas da Sociologia e introduzem, nos respectivos programas, conceitos recentes, como gênero — condição socialmente determinada — diferenciando-se de sexo — condição biologicamente determinada. A participação política das mulheres é também analisada, seja a partir dos movimentos sociais — que se referem à passagem da esfera do privado e reconquista do espaço público —, seja à frente dos movimentos organizados, ou mesmo em cargos políticos. De uma maneira geral, essas disciplinas procuram demonstrar a diferenciação entre gêneros, sua origem e consequências, analisando o fato em seu contexto social, incorporando ao curso questões polemizadas na sociedade, como o aborto, salários diferenciados entre gêneros, divisão sexual do trabalho doméstico, domiciliar e extra-domiciliar, a hierarquia entre gêneros, as formas de dominação e violência.

Este conjunto de disciplinas é marcado pela investigação empírica e pela reflexão teórica.

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

A Escola de Comunicações e Artes (ECA) ministra 12% das 49 disciplinas da área de Humanidades. No ECA o tema mulher é tratado de modo diferenciado na graduação e pós-

⁽⁵⁾ Sob a organização da professora Nelly Novaes Coelho, docente da USP.

-graduação. No primeiro nível a mulher é discutida a partir dos papéis que ela assume como consumidora e, numa outra vertente, como produtora e personagem de histórias em quadrinhos. Na pós-graduação o tema é discutido a partir da identificação dos preconceitos e discriminações vivenciados pelo segmento feminino. As disciplinas resgatam a presença da mulher na produção artística brasileira desmistificando uma falsa ausência e a suposta incapacidade de se tornar uma profissional no campo das artes. É também analisada a dupla marginalização da mulher negra, que em nossa sociedade é caracterizada por imagens negativas que perpassam a literatura de ficção, os jornais, a literatura científica, o livro didático e a publicidade de um modo geral. Esta imagem, divulgada pelos meios de comunicação de massa, cria expectativas de comportamento prejudiciais à mulher negra, reforça preconceitos, dificulta a transformação das relações sociais entre brancos e negros e entre mulheres e homens, assim como o estabelecimento de formas mais democráticas de participação de todos, em especial das mulheres.

Embora na ECA a questão de gênero seja quantitativamente reduzida, do ponto de vista qualitativo é um setor que tem realizado investigações da maior importância para recuperar a memória da atuação das mulheres na área das artes e das comunicações.

FACULDADE DE ECONOMIA E ADMINISTRAÇÃO

Na Faculdade de Economia e Administração (FEA) são raras as disciplinas que abordam as relações de gênero (6%) e o fazem ligadas a indicadores demográficos tais como natalidade, mortalidade e fecundidade no Brasil. Apesar de uma pequena tendência de mudança, por parte de alguns docentes, no enfoque à questões relativas à mulher, as disciplinas econômicas não abordam a problemática da diferenciação de salários entre homens e mulheres — questão amplamente discutida no movimento feminista —, o papel econômico das empresas domiciliares lideradas por mulheres, a divisão sexual do trabalho, a formação profissional, etc.

FACULDADE DE DIREITO

Na Faculdade de Direito, a maior parte das disciplinas abordam *circunstancialmente* a questão da mulher. Seria de se supor que no Direito da Família, Medicina Legal, Direito

Penal, temas como os direitos da mulher, da esposa, estupro, violência doméstica, fossem aprofundados. Não é o que ocorre. Por vezes os temas são tratados quando há interesse por parte dos alunos ou de algum professor, mas não de forma sistemática. O trabalho feminino é um dos mais abordados.

O tema mulher pouco espaço tem ocupado nas disciplinas de Direito, embora na sociedade, nos últimos anos, um dos problemas mais focalizados tenha sido o da violência contra a mulher. A criação das Delegacias de Defesa da Mulher, que causaram impacto social e político, revelaram a extensão da violência doméstica, a qual não é abordada no campo do Direito. O mesmo se pode dizer do aborto, do adultério, dos chamados "crimes contra a honra", etc. Todos esses temas foram estudados fora da Faculdade de Direito.

Conclusão

A Universidade é um segmento da sociedade onde são encontrados elementos representativos de suas várias vertentes. Se, na sociedade, a questão das relações sociais de gênero é nova e controversa, o mesmo ocorre na universidade.

Entre os docentes são encontradas posturas ideológicas com relação à posição social da mulher e do homem na sociedade que, invariavelmente, influem sobre a "ciência" que realizam. Aqueles que não estão alerta para as discriminações de gênero, não incluem a temática em seu trabalho, mesmo que ministrem disciplinas fundamentais para a compreensão da questão. Em nome de uma ciência "positiva" são afastados temas que outros consideram pertinentes à mesma ciência.

Temas como direitos reprodutivos, planejamento familiar, gravidez na adolescência, mortalidade materna, violência sexual, estupro, má formação genética, os quais dividem os docentes e pesquisadores, são de interesse da sociedade e têm provocado a criação de movimentos sociais que demandam soluções legais e implantação de políticas públicas, não encontram na Universidade a mesma repercussão.

Ao buscar explicação para esta lacuna deparamos com posições ideológicas contrárias a propostas igualitárias de gênero, ou desatentas a esta questão. Por iniciativa do corpo docente, várias vezes, disciplinas foram induzidas a introduzir a temática de gênero. Os estudantes estavam sendo despertados, fora da universidade, para a questão.

A distância entre a universidade e os processos de transformação da sociedade impedem-na, com frequência, de fornecer uma reflexão crítica sobre problemas contemporâneos. Assim houve distanciamento com relação a tópicos da nova Constituição brasileira, sempre que dissesse respeito a relações de gênero, nos capítulos dos direitos da mulher, na família, na violência, no trabalho e no planejamento familiar.

A formação profissional, especialmente na área de saúde e do direito, carece de estudos que encarem os problemas de gênero. Uma nova visão sobre a saúde e o corpo da mulher tem sido reivindicada por vários segmentos da sociedade, encontrando eco apenas em uma parcela da área acadêmica.

Observamos a emergência de cursos e pesquisas que adotam a perspectiva das relações de gênero e discutem as relações de dominação-subordinação entre homens e mulheres, especialmente na área da Saúde Pública e de alguns setores das Humanidades. Esta última é a que mais aprofunda as diferenciações sociais, embora quantitativamente sejam poucas as disciplinas que abordam as relações de gênero.

O corpo discente encontra eventuais estímulos, na universidade, para estudar, em suas respectivas áreas de formação, a questão de gênero. Entretanto, ao analisarmos as teses de mestrado e doutorado defendidas na USP, observamos uma constante e crescente focalização do tema (Blay e Uehara, 1990). Este fato permite inferir que nova geração de bacharelados tenderá a incorporar a análise das relações de gênero, estimulados pela própria sociedade. E, por consequência, o tema tenderá a ser incorporado pela Universidade. Corroborando esta conclusão estão os programas de extensão cultural, os projectos de investigação, os cursos de pós-graduação e a criação de núcleos de pesquisa interdisciplinares que complementam os cursos regulares e que abordam a condição de gênero. ■

Referências Bibliográficas

- Azevedo, E. *et al.* 1989 "A Mulher Cientista no Brasil. Dados Atuais sobre a sua Presença e Contribuição", *Ciência e Cultura*, Vol. 41, n.º 3 (março), 275-83.
- Bernardes, M. T. C. 1989 *Mulheres de Ontem?* São Paulo, T. A. Queiroz.
- Blay, E. A. 1978 *Trabalho Domesticado. A Mulher na Indústria Paulista*. Col. Ensaios 25. Crítica.
- 38 Blay, E. A. 1990 "Carreiras Universitárias e Gênero" (pesquisa em fase de conclusão) — Núcleo de Estudos sobre a Mulher e Relações Sociais de Gênero (NEMGE), Universidade de São Paulo, SP.
- Blay, E. A.; Uehara, M. 1990 *Teses de Mestrado, doutorado e livre-docência sobre a mulher, defendidas na USP entre 1985 e 1989*. São Paulo, Núcleo de Estudos da mulher e Relações Sociais de Gênero / UPS.
- FIBGE 1989 *Anuário Estatístico 1988*. Rio de Janeiro.
- Lang, A. B. 1989 *Adolfo Gordo Senador da Primeira República: Representação e Sociedade*. Brasília, Senado Federal.
- Ormastroni, Maria Julieta Sebastiani 1988 "Presença Feminina no Concurso Cientista do Amanhã", *Ciência e Cultura* Vol. 40, n.º 11 (novembro), 1124-5.
- Rosemberg, Fúlvia 1985 *A Educação da Mulher*. São Paulo, CECF e Ed. Nobel.
- Silva, Léa Melo da *et al.* 1987 "A Trajetória da Mulher na Universidade Federal de Minas Gerais". Pesquisa realizada pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 48 pág. (mimeo).
- Wolyne, E.; Paquarelli, M. L. R. 1988 "A Produção Acadêmica de Cientistas do Sexo Masculino e Feminino" (mimeo).
- Paula, Maria Regina Simões 1988 "A Primeira Médica Brasileira", *Leitura*, São Paulo, Vol. 6, n.º 71 (abril), 4-5.